

Expressões

da

Pandemia

Vol. 12



Realização Científica

O Boletim "Expressões da Pandemia" é uma atividade do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC-SP/CNPq), liderado pela Profa. Dra. Bader B. Sawaia, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM/CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Renan Albuquerque.

Organizadores

Bader B. Sawaia
Flávia R. Busarello
Juliana Berezoschi
Renan Albuquerque

Editoração e Identidade Gráfica

Juliana Berezoschi

Revisão Técnica

Renan Albuquerque

Os escritos são compilados por participantes, parceiros e apoiadores do NEXIN e do NEPAM.

Dados do NEXIN

O Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem como líder a Profa. Dra. Bader B. Sawaia e atualmente está composto por discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como pesquisadores associados. O NEXIN é um espaço de reflexão e investigação psicossocial permanente, onde são desenvolvidos estudos sobre desigualdade social, com ênfase na servidão humana e na potência de ação emancipadora em diferentes contextos sociais e históricos brasileiros.

www4.pucsp.br/nexin/, facebook.com/nucleonexin, instagram@nucleonexin

Dados do NEPAM

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como líder o Prof. Dr. Renan Albuquerque e atualmente está composto por discentes de graduação, mestrado e doutorado, além de pesquisadores associados. O NEPAM estuda dinâmicas e interações de povos amazônicos em seus diferentes modos de vida no bioma.

www.facebook.com/ufamnepam

APRESENTAÇÃO

A força ética do corpo e dos afetos
O corpo que não aguenta mais

A vacina chegou e uma onda de alegria e esperança tomou conta do país, o que não durou muito. Logo se constatou que estamos sem campanha de vacinação com cronograma confiável, baixo estoque de imunizantes, demora para iniciar a produção e, ao mesmo tempo, uma nova linhagem (Pl) se alastra pelo Brasil. Repete-se aqui o mesmo movimento dos afetos que apresentamos no 11º boletim "Expressões da Pandemia", em novembro de 2020. Naquele momento, estatísticas demonstravam um recuo na disseminação do SARS-CoV-2, motivando a flexibilização do isolamento. Entusiasmados, iniciáramos o planejamento deste boletim para falar de alegria. Mas foi um brevíssimo alento. A queda de casos e mortes logo foi interrompida e deu-se uma subida com mais sofreguidão, configurando-se na segunda onda, em meio a tantas outras ondas de incertezas que o país mergulha.

O medo predomina e se atualiza na constelação afetiva. Mas há a esperança de vacinas, apesar de quê existe um sentimento de insegurança e desconfiança na população, além da raiva frente à politização da imunização, à desorganização e à falta de articulação entre governo federal e Estados. Soma-se a isso a enorme pressão da desinformação, criada por agentes políticos e governantes inclusive, como se trabalhassem para a propagação e o espalhamento do vírus.

Preocupam-se mais com as "nacionalidades" das fabricantes de vacinas que com a eficácia. Eis o cenário de mais uma desinformação, pautada no medo do que pode exatamente nos salvar, gerando ambiguidade uma afetiva sobre um mesmo corpo: o imunizante. A pandemia persiste em meio à falsa normalidade existente. Novas variantes e "pandemias sociais" tomam conta do cenário. Como vacinar a fome? A desinformação? A desigualdade social tão potencializada no contexto pandêmico? Como?

É nessa flutuação de emoções, repetida a cada fase da pandemia, que vivemos um dos tempos mais macabros da história da saúde pública brasileira. Há medo, muito medo, com um aceno de esperanças e discretas alegrias, o qual nos ajuda a perseverar na existência. Nesse cenário, o direito natural (Spinoza, TTP) é ameaçado pela ausência de vacinas ou negacionismos. Por exemplo, questionamos: quais vacinas compõem melhor com o corpo do brasileiro? E aqui falamos do direito de perseverar na existência do corpo diante da covid-19; falamos de um corpo que parece ter se tornado mercadoria com etiqueta de nacionalidade, a partir da disputa por imunizantes. Nossa pergunta, então, leva à escolha de realizar este número falando sobre liberdade e potência ética do corpo.

Ingenuidade? Alienação ou fuga? Nada disso. Foi escolha proposital, dado que o momento exige que se discutam os parâmetros éticos de liberdade e a diferença entre livre arbítrio e relativismos. De um lado, porque estamos no centro da celeuma sobre vacina, como indica o uso político do argumento da liberdade de escolha para se contrapor à obrigatoriedade da vacina: "ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina". De outro, porque é preciso entender os motivos que levam muitas pessoas a defenderem o negacionismo e se oporem à vacina, mesmo tendo esta demonstrado eficácia na defesa das vidas.

E questionamos, novamente: por que são apoiadas informações técnicas, sem comprovação científica, com o propósito de desacreditar autoridades sanitárias e promover ativismo político contra medidas científicas propagadas? Qual a trama afetiva do Brasil que sustenta essas ações?

Atentos ao perigo do radicalismo reverso, destacamos que a defesa da vacina não nos deve deixar cegar pela euforia salvacionista, uma outra forma de negar a ciência, como alerta (Trivinho, 2021)[1].

[1] Trivinho, E. A aporia do flagelo pandêmico. In Portal terra é redonda. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-aporia-do-flagelo-pandemico/>.

Um dos grandes sofrimentos que vem se afirmando é a dor insuportável do terror sem fim de mortes e adoecimentos. Trata-se de um sofrimento que derrota a liberdade e a potência de ação, lançando-nos a uma melancolia ético-política (Pessanha, 2020). Essas questões aparentemente nos mostram a força das ideias, sendo "a mente a rainha das infâmias" e "os eventos extraordinários realizados sob a força da laringe". Ou seja, a nosso ver, a pandemia reforça a ideia de que não é o corpo o lugar do aprisionamento da alma, como o suposto no séc. XVII por Spinoza e no séc. XX por Foucault[2]. Mas o que seria então? A negação do corpo e a vitória do idealismo, bem como das narrativas, do relativismo ético e do pragmatismo da liberdade seriam respostas para isso? Tal ponto é o que questionamos, retomando Spinoza. O filósofo se preocupou em demonstrar que a ética é universal e essencial, já que buscamos o imanente do corpo para perseverar na existência. Sobre o disposto, Rancière (2021) oferece tese para pensarmos.

O que torna possível negar tudo não é o "relativismo", ou a liberdade posto em questão por mentes sérias que se imaginam os guardiões da universalidade racional. Trata-se, antes, de uma perversão inscrita na própria estrutura da nossa razão.

Assim, temos que, se alguém rejeita o óbvio, não é por ser estúpido, mal-informado ou incrédulo, mas por ter ficado satisfeito em ouvir "a verdade" que lhe agradou. Assim, interpretando a questão do negacionismo, fica manifesto que quem dissemina fakenews não é ingênuo a ponto de imaginar que sejam verdadeiros os dados que transmite. Também não é cínico, a desconhecer a falsidade da informação. É, em verdade, gente que quer que seja assim porque está desejosa de ver, pensar, sentir e viver na comunidade ilusória que a narrativa agnotológica tece. Portanto, a adesão ou rejeição é uma questão de desejo, vontade e prazer.

[2] Foucault, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Para essa gente, o erro está na estrutura da razão e não em afetos que abafariam a razão. A explicação não está no fato de se tratar de pessoas frustradas, prontas a seguir quem encarne e aponte a causa de seus ressentimentos, em contrapartida a um povo bom, consciente e racional. Tanto porque fakenews não expressam sentimentos, mas sim estruturas perversas da razão alimentadas por interesses de poder e individualismos pró-regimes de afetos específicos. Rancière, na explicação, aponta que a paixão a qual a estrutura perversa faz apelo é a "paixão pela desigualdade, que permite a ricos e pobres encontrar uma multidão de inferiores sobre os quais, a todo custo, devem manter a superioridade". Superioridade de homens sobre mulheres, de mulheres brancas sobre mulheres negras, de trabalhadores sobre desempregados[3].

Temos um sistema de afetos que não se destina a nenhuma classe em particular e que não joga com a frustração, mas, ao contrário, com a satisfação de uma condição. Incide não como sentimento de desigualdade a ser reparado, mas privilégio a ser mantido. Por isso, para enfrentar as fakenews não basta se munir de informações e desconstruí-las. É necessário querê-lo. Não adotamos o que as atitudes falam por obediência, mas porque ficamos satisfeitos com o que ouvimos. Tanto porque o corpo já sofreu com o primeiro impacto da pandemia. Vivenciamos a falta de bons encontros no começo e agora vivemos a falta de vacinas e estrutura hospitalar, além da fome e do medo da morte. O corpo isolado, o corpo asfixiado, o corpo faminto e o corpo amedrontado, atualmente, sofrem outra afetação: sair do isolamento com retorno às atividades em uma falsa normalidade e, assim, padecer pela contaminação. Se corpos sofrem por essa nova desconfiança, a falsa normalidade tende a estar relacionada a falcatruas de planejamento e distribuição de vacinas, o que nos leva a pensar em privilégios. Como ficam os corpos que não os possuem?

[3] Tradução do artigo "Les fous et les sages — réflexions sur la fin de la présidence Trump, de 14/01/2021, em Analyse Opinion Critique. In <<https://aoc.media/opinion/2021/01/13/les-fous-et-les-sages-reflexions-sur-la-fin-de-la-presidence-trump/>>. Revisão de tradução: Antoine d'Artemare e Bárbara Bergamaschi.

Em tempos de pandemia, quem cuida das vacinas é rei. E quem é rei também escolhe quem pode ser vacinado, já que as regras só servem para os súditos e não para quem comanda. E isso podemos constatar quando a imunização de algumas pessoas foi antecipada neste início de 2021, apesar de estarem fora de grupos prioritários. Houve ainda os "fura-filas". A desigualdade social atuou como protagonista em novas proporções, mesmo depois de um ano de pandemia, um ano em que poderíamos ter aprendido a nos relacionar melhor, a viver melhor.

Inspirados nessa conjuntura, alunos da disciplina "Imaginação, memória e afeto: pressupostos da liberdade na obra de Vigotski" nos ajudaram a compor textos para este boletim. São mestrandas/os e doutorandas/os que deram tom à discussão, passando inclusive pelo direito de ir e vir em uma cidade, pela desigualdade, pelo medo e ainda pelos sonhos e pelos compartilhamentos de possibilidades de vida. Segundo eles, a liberdade se apresenta como uma esperança de futuro a ser percorrido por aqueles que compreendem seu modo de agir no mundo.

Desejamos que a leitura provoque afetos alegres e respiros diante de um contexto em que o nosso "corpo não aguenta mais" (Lapoujade, 2002)[4].

Bader B. Sawaia
Profa. Titular da PUC-SP. Docente Permanente
do Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia Social. Líder do NEXIN.

[4] LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel & GADELLA, Sylvio(orgs.). Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo? Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. pp. 81-90

Poema de um país agonizante

O crime no Brasil compensa,
seja injúria, humilhação ou morte,
todos tem sua recompensa,
de uma vez em grande lote.

Estuprador não tem culpa,
mulheres são condenadas,
sempre há para eles uma desculpa,
as vítimas são por todos, caladas.

Uns são eleitos,
jogador de futebol vira celebridade,
outros conseguem cargos,
nenhum não se imagina dono da verdade.

Militar condenado é reintegrado,
traficante é herói de criança,
empresário acusado é honrado,
figuras de grande esperança!

Matam a mulher por saia ou futebol,
abandonam a criança por indiferença,
aguardam a morte dos idosos feito cobaias,
e nossa grande política brilha ao Sol.

Xenófobos, racistas, misóginos,
homofóbicos, machistas, intolerantes
religiosos,
hoje são consideradas,
por todos grandes qualidades!

A grande bandeira da negação,
tremula triunfante sobre nossa ciência,
pesquisa ou estudo é divagação,
vale mais a prepotência.

Viva nossa ignóbil-cracia!
este poema não tinha outra razão de ser,
senão divulgar o lema dessa nossa pátria:
morra quem tiver que morrer.

Thiago da Silva Prada
Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP.
Publicou "Os Céus de Van Gogh" (2014), "Da Noite Sem Fim" (2015) e "As
Feridas do Cotidiano & Algumas Belezas Frágeis" (2018).
Palestrante e professor de cursos livres
em FESPSP-SP e Teatro Satyros.

Compartilhar: verbo de ação para a liberdade?

Ao longo desses meses, durante a pandemia, para aqueles que puderam seguir orientações de isolamento físico, os espaços de sociabilidade se modificaram dos encontros presenciais às telas. O mundo ao ar livre foi trocado pela livre navegação na internet. Deixamos de ter conversas à luz do dia para ter encontros sob a luz da webcam ou da tela do celular. Opinar sobre a quarentena nas redes sociais e compartilhar informações sobre o vírus tornaram-se atividades intensas, de muitas pessoas, que na maior parte do tempo também permanecem conectadas para trabalhar e/ou estudar. Cerca de 66% da população brasileira é ativa nas redes sociais, segundo a "Digital 2020 We are Social" da Hootsuite[1].

Todavia, uma crescente onda foi se alastrando pela rede, a da desinformação. A internet, por ser espaço de sociabilidade e conexão, também se tornou campo minado de fakenews, onde a disseminação de conteúdo falso tornou-se muitíssimo presente. Em contrapartida, pessoas começaram a compartilhar, via internet, cuidados além da máxima "se puder, fique em casa" e também incentivaram a transmissão de informações verídicas com isso. Redes de apoio foram fomentadas para ajudar quem não podia sair do lar. Lives de cantores afagaram o coração de isolados e chamadas de vídeo ou festas também surgiram como estratégias. Além disso, outra rede também iniciou processos de compartilhamento de dados fidedignos na pandemia: cientistas se uniram em uma corrida contra o tempo, publicando estudos sobre a covid-19 em termos gerais. Ou seja, o ato de compartilhar se tornou um imperativo digital. "Eu compartilho, tu compartilhas!". Imperativo que incentivou inclusive o comércio online. E apesar de já realizarmos compras via web antes do período, o isolamento intensificou esse modelo comercial. Por consequência, ampliaram-se recomendações de produtos e serviços disponibilizados em plataformas digitais.

[1] <https://wearesocial.com/digital-2020>

Em meio ao impulso de vendas online, o compartilhamento de dados sobre o trabalho precarizado de entregadores proporcionou também denúncias e boicotes a empresas de serviços de entrega por aplicativos, por exemplo. E assim, vemos que, no enredamento de compartilhamentos, fomos afetados por imagens e informações recebidas, seja de afetos alegres ou tristes.

Desta feita, pela conjuntura, perguntamos: com o excesso de informações será que tem havido liberdade para pensar sobre elas? Conseguimos compreendê-las de fato? Somos autônomos ao receber e compartilhar informações? Será que compartilhar nas redes sociais nos liberta ou nos aprisiona?

Com o advento da internet, a discussão sobre liberdade parece tomar outro sentido ao tratarmos da manifestação de opinião. Isso porque a tal "liberdade de expressão" muitas vezes foi utilizada como escudo para situações que escamoteiam formas de racismo, machismo e transfobia. Compartilhar, na web, torna-se muitas vezes uma questão individual, reduzida a uma opinião a ser impulsionada por discursos de ódio. Nesse contexto, Spinoza propõe que estudemos a liberdade como uma necessidade humana confrontada com formas de servidão, que aprisionam o ser na ilusão de que é livre. Tais formas se constituem em superstições que o colocam como ser passivo e obediente, a desconhecer as causas de seus afetos, acreditando exercer seu livre-arbítrio na escolha entre uma coisa ou outra.

A Spinoza, para sair desse aprisionamento é necessário sermos causas adequadas de nós mesmos (2013, c.f. ÉTICA)[2] e não pessoas passivas, submissas a forças externas que coagem à servidão. Assim, não devemos criticar, negar ou combater afetos, mas compreender as causas que levam a ficar na ilusão da liberdade, sustentando relações de servidão. Como somos afirmação de nossa existência, para perseverar nela é preciso buscar bons encontros, aumentar assim a força de existir (a conatus).

[2] SPINOZA, Baruch. *Ética*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Trad. de Tomaz Tadeu.

Marilena Chauí, em entrevista à Marcia Junges da IHU, inspirada em Spinoza, lembra que seremos ativos quando determinados por leis da própria essência. Isto é, quando formos determinados a agir por nós mesmos, por nossa causa interna. E ainda: quanto mais afecções o corpo sofre simultaneamente, mais apta estará a mente a pensar uma pluralidade de ideias de acordo com sua própria natureza. Todavia, sendo passivo o nosso corpo quando afetado por forças externas - ou seja, sendo causa inadequada do que se passa nele - nos afastamos de nossa própria natureza.

Nesse sentido, quando compartilhamos algo nas redes sociais somos mais determinados por nós mesmos ou pelas forças externas? É possível pensar sobre imagens e informações que compartilhamos em busca da compreensão das causas de nossos afetos? O que realmente queremos compartilhar quando trocamos informações, imagens, pela internet? Compartilhar conteúdos pela internet pode nos tornar causa ativa de nós mesmos?

Ora, em suma, aquilo que sentimos e aumenta a capacidade de existir é experimentado como alegria; o que sentimos quando a capacidade de existir é diminuída é experimentado como tristeza. Ao considerar que nossos corpos sofrem essa variação da potência em encontros com outros corpos, podendo esses também serem informações e nos potencializar para alguma ação ou nos refrear, somos tomados por um intenso fluxo de afetações.

O que pode nos levar para a capacidade da mente de pensar e do corpo de agir, portanto, utilizando o botão de compartilhar, a depender do conteúdo a ser compartilhado, pode tanto nos levar a uma ação como a uma inatividade. Compartilhar tem múltiplos significados. Podemos compartilhar, tomar parte em alguma coisa, arcar juntamente, repartir ou partilhar algo com alguém, que seja informação ou ainda afetos, dores, ações e reações. É importante destacar que compartilhar é da ordem do comum, do sentido de dividir algo com o outro, que pode ser tanto de situações de alegria como de tristeza.

Como exemplo do destacado, temos imagens em vídeo compartilhadas sobre a morte de um homem por violência, decorrente de suposto racismo, em uma loja de uma grande rede de supermercados brasileira, no Rio Grande do Sul. O caso teve repercussão e provocou ações de manifestantes. Uma das lojas da rede foi incendiada. Outra complexidade sobre a questão em análise foi a manifestação de entregadores por aplicativos. Eles pararam de trabalhar por um dia, reivindicando direitos da categoria, e foram apoiados por muita gente nas redes sociais.

Não podemos afirmar, nos exemplos citados, que o compartilhamento nas redes proporcionou as ações. Todavia, por meio da internet as denúncias foram expostas. Nesse sentido, o compartilhamento pode ser uma poderosa arma não somente de exposição da violência, mas como instrumento de potência para ação.

Retomando Spinoza, cabe destacar que, para eu existir, é necessário existir o outro, ou seja, faz-se mister o encontro. Este movimenta minha potência de vida, para mais ou menos. É na união de corpos em torno de um útil comum que fortaleço a ação política. Dessa forma, ideia adequada é reconhecer que outro ser humano é indispensável à minha existência e, para perseverar nela, é necessário que eu seja causa de minhas ações. Os encontros são exatamente potencializadores nesta condição, segundo Chauí (2012, p. 21)[3]:

Um corpo, demonstra Spinoza, é tanto mais forte, mais potente, mais apto à conservação, à regeneração e à transformação, quanto mais ricas e complexas forem suas relações com outros corpos, isto é, quanto mais amplo e complexo for o sistema das afecções corporais. Por seu turno, a mente, está intrinsecamente ligada a seu objeto porque ela não é senão operação de pensá-lo.

3] JUNGES, Márcia. Marilena Chauí: A alegria do pensamento e liberdade. Revista do Instituto Humanitas Unisinos: Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento, São Leopoldo, v. 397, n. 1, p. 15-23, 06 ago. 2012. In <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/16-artigo-2012/4529-html-capa-398>.

Diante disso, e para compreendermos se o que compartilhamos pode nos libertar ou não, aqui destacamos com ênfase: é necessário saber se somos causas de nós mesmos a partir de nossas afecções ou não. Elas podem tanto nos potencializar como nos aprisionar em causas externas a nós. Quanto mais formos afetados de alegria e termos ideias adequadas de suas causas, mais potência da mente teremos para pensar e do corpo para agir. Desse modo, que o compartilhar possa se tornar verbo de ação para a liberdade.

Juliana Berezoschi

Graduada em Psicologia pela FURB (Blumenau/SC).

Mestra e doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP.

É integrante do grupo de pesquisa Nexin.

São Paulo, 04 de março de 2021.

Desigualdades, afetos e pandemia: sobre (im)possibilidades de liberdade

“Eles passarão, eu passarinho”

O Brasil é um país marcado por desigualdades e as origens remontam à época colonial, permanecendo inalteradas até hoje, estruturando relações sociais a partir da lógica desigual. O fenômeno, de verve complexa, multifacetada e com múltiplas dimensões, capilarizou-se de tal modo nas estruturas sociais que suas expressões podem ser percebidas e sentidas nos mais variados espaços e relações do cotidiano. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que as desigualdades são o problema mais relevante do país, necessitando de um olhar aprofundado de todos os atores sociais, no intento de esboçar possibilidades de enfrentamento e superação a uma das principais chagas sociais que assolam o país há séculos e que ganha força com sofisticadas reestruturações no mundo do trabalho, possibilitadas por tecnologias, o que pôde ser evidenciado nas configurações que se processaram na sociedade oriundas da pandemia da covid-19, aumentando o fosso entre a minoria rica e as majorias populares que historicamente viveram na informalidade, com a precarização do trabalho.

A pandemia da covid-19 instalada no mundo, produzindo relevantes rupturas no tecido social e agravando e intensificando as desigualdades, não pôde ser vivenciada por todos os brasileiros, como preconizam protocolos da Organização Mundial da Saúde (OMS), a exemplo do isolamento, considerado o principal fator de prevenção à infecção pelo vírus, até que se possa distribuir vacinas eficazes, que possibilite imunizar toda a população. Esse fator de prevenção, enfatizado pela OMS e sugerido consensualmente pela comunidade científica, foi vivenciado no Brasil como privilégio, o que não é de se estranhar, considerando que manutenção de privilégios, se constitui num dos pilares de sustentação da absurda desigualdade que há mais de 500 anos marca a sociedade e se escancara de forma exacerbada no presente.

Isso leva-nos a apontar que, assim como existe a medicina do rico e a medicina do pobre, existe, da mesma forma, a pandemia do rico e a pandemia do pobre. No início da pandemia, a falsa ideia de que "estamos todos no mesmo barco" foi disseminada com intensidade nas redes sociais, quase como um refrão, de forma ideológica, escamoteando as diferentes possibilidades dadas concretamente às camadas sociais da elite e das classes populares. Todavia, um dos principais aspectos evidenciados pela pandemia foi a absurda desigualdade e isso é um dado de realidade que aponta para o fato de que não estamos todos no mesmo barco. Há muitas pessoas em lanchas e há poucas pessoas em iates sofisticados.

As diferentes possibilidades de vivências da pandemia para pessoas de distintas classes sociais postas pelas condições concretas se viabilizou pelo investimento em afetos, de modo a desenhar cenários que levassem esses sujeitos a pensarem que a única saída estava em não poderem parar, porque precisavam trabalhar e, caso o fizessem, não teriam condições de sustentarem a si e aos seus. Cabe destacar que os afetos são sentidos no nível individual, contudo são tecidos na trama social e, portanto, são políticos e cumprem papel político.

Isso é evidenciado a partir das narrativas hegemônicas acerca da maneira como se deveria enfrentar a pandemia, de modo que essas narrativas levaram, sobretudo, a classe trabalhadora a incorporar tais ideias mediante planos ideológicos, possibilitando a inviabilidade de uma revolta popular que forçasse o poder público a garantir políticas emergenciais que dessem subsídio econômico às famílias de baixa renda para atravessarem a pandemia, protegendo-se contra o vírus. Percebe-se a rama de afetos por meio do enlace entre o pensar, o sentir e o agir, possibilitando sentimentos e ações que ofereçam sustentação à ordem hegemônica vigente.

A manutenção de estruturas de dominação passa fundamentalmente pela via dos afetos e da manipulação destes, para garantir interesses das classes dominantes.

O cenário desenhado pela pandemia, o qual escancarou as vísceras da desigualdade e os processos de dominação históricos, leva-nos a refletir sobre (im)possibilidades de liberdade dentro do modelo de produção capitalista, que produz riqueza e miséria proporcionalmente, como forma de manutenção de sua perpetuação. A política neoliberal que oferece bases de sustentação do atual modelo de produção, tem como prerrogativa a noção de liberdade.

O sujeito do neoliberalismo é proclamado livre e autônomo, o qual por meio de seus esforços individuais pode atingir o sucesso o fracasso. Para esse sistema, todos os sujeitos são livres e todas as condições de desenvolvimento estão dadas, basta cada um aproveitar e atingir o melhor que puder.

É possível vislumbrar liberdade nesse contexto marcado por uma sociedade de classes, cuja estrutura já prevê de antemão lugares distintos para distintas pessoas? As reflexões em torno da liberdade têm ganhado espaço em diferentes escopos teóricos de áreas do conhecimento e se constituem em questão de centro em debates filosóficos e sociológicos. Trata-se de reflexão sem consenso, considerando sua complexidade e as diferentes análises. Mas, afinal, o que vem a ser a liberdade? Somos livres ou somos meramente determinados por estruturas sociais e com isso impossibilitados de produzir a nossa liberdade? A pandemia evidenciou a liberdade em um horizonte distante das classes trabalhadoras, e somente por meio de um projeto societário de garantia de direitos a todos possibilitará uma melhor condição.

Pautados num referencial sócio-histórico, de base materialista histórico-dialética, sublinhamos que a liberdade seria a apropriação de modo igualitário dos bens produzidos historicamente pela humanidade. Condição essa que não pode ser concretizada no interior de uma sociedade marcada predominantemente pelo modelo de produção capitalista.

A liberdade dentro desse referencial é o pilar sobre o qual se sustenta nosso horizonte societário, pautado na igualdade de distribuição e apropriação dos bens produzidos pela humanidade, que, na sociedade atual, é condição de privilégio, concedida a uma pequena parcela que compõe a elite do país.

A liberdade, condição sine qua non para a emancipação, está no cerne da práxis em psicologia social que defendemos. Uma práxis libertadora que gere autonomia a sujeitos. Cabe destacar que liberdade, como aqui defendemos, não tem nada a ver com livre arbítrio, mas com qualidade de inserção dos sujeitos nos espaços públicos. Não existe liberdade a não ser no espaço público. A liberdade exige a construção de um espaço público e somente inserindo-se na arena pública os sujeitos conseguem experimentar a liberdade.

A servidão consiste fundamentalmente na exclusão de significativa parcela da população de espaços comuns. Não participar da vida pública, assim, é condição de sustentação a estruturas de dominação. Constituir sujeitos resignados com a realidade e que não se revoltam com injustiças é o que mantém governos antidemocráticos no poder. A alegria é perigosa por trazer consigo um germe de revolução. A tristeza e o ódio são recursos dos governos totalitários, diferentemente da perspectiva neoliberal, que enaltece o espaço privado e o livre arbítrio como condições para a vivência da liberdade. Nessa perspectiva, defendemos que a liberdade é uma condição que só pode ser vivida em sua plenitude na arena pública, ela é o espaço por excelência onde a liberdade pode se manifestar e se consolidar como horizonte utópico societário.

A partir do exposto, conclui-se que, a liberdade, que conduz à humanização e à emancipação, só pode ser pensada a partir das possibilidades dadas universalmente e não por meio tão somente das condições particulares de existência.

A liberdade que defendemos segue sendo uma utopia necessária em uma sociedade marcada por profundas desigualdades. Seremos livres no dia em que o público não seja apenas privilégio de uma minoria e quando todos os sujeitos tiverem pleno acesso a todos os bens produzidos historicamente pela humanidade.

"Eles passarão, eu passarinho".

Péricles de Souza Macedo
Psicólogo pela Uninove. Mestrando em
Psicologia Social pela PUC-SP (bolsista FAPEMA).
Conselheiro do CRP-MA gestão (2019-2022).

Tasso Fragoso/MA, novembro de 2020

A segunda onda do medo e a esperança: a temporalidade pandêmica

Quando começou a pandemia o isolamento, única forma de proteção com eficácia reconhecida, manteve muitas pessoas em casa. Com as medidas de segurança, inúmeros sujeitos viram o espaço privado se tornar público, a casa se transformar no trabalho, na escola, na universidade e, para alguns, inclusive na academia. Além disso, houve mudanças no território de circulação cotidiana, para o território do isolamento e distanciamento. O cotidiano começou a ser vivido nas telas. A luz do sol na caminhada para o trabalho mudou para uma luz de tela de computador em jornadas home-office.

A relação com o grande relojoeiro também mudou. Para alguns, o tempo da escola dos filhos se transformou no tempo em frente à tela na sala ou quarto. O tempo no metrô ou ônibus é agora o do caminhar da cama para a mesa e a cadeira. O isolamento ou distanciamento mudou as afetações que vivenciávamos antes. O tempo se diluiu em uma rotina até então desconhecida, cheia de lives e videochamadas. A medida do tempo mudou para horas defrente à tela, seja no zoom, meet, whatsapp, skype etc. O tempo-medida se transformou no tempo-tela. No entanto, o velho amigo, o tempo, continua devorador para alguns e fiel escudeiro para outros. Será? Como ficam os corpos que já vivenciaram o isolamento fruto da realidade da pandemia?

Spinoza, em sua Carta 12, fala que o tempo é imaginação. É nessa correspondência que o filósofo afirma serem a medida, o tempo e o número modos de pensar e imaginar. A partir dele, Olinda (2014) destaca que o tempo é resultado da potência da mente humana, que é confundido com os entes reais, e não da potência de Deus. No entanto, como não olhar ou ansiar pelo futuro em uma realidade pandêmica? Ou melhor, como focar somente no tempo presente?

O tempo foi diluído nas telas e no isolamento. Esse tempo-tela possui outras formas de afetação em nossos corpos, até então desconhecidas ou desconsideradas. De uma videochamada de trabalho, partimos com um "clique" para uma live, em outro "clique" para uma reunião com os amigos pelo zoom, e em um último "clique" fechamos tudo e vamos dormir. Corpos imóveis defronte à tela, onde só mãos e olhos se movimentam. Essas afetações vivenciadas no tempo-tela são diferentes. Não possuem a interação do corpo como no tempo-medida, pois os corpos não transitam nos diversos locais como antes da pandemia. Qual é o seu tempo-tela?

O filósofo, na segunda parte da "Ética", relata que o corpo é memorioso e guarda marcas de afetações já vivenciadas. Considerando isso, questionamos: como o corpo vivencia a ausência das afetações de transitar e/ou de se movimentar pelo território além do território do isolamento ou distanciamento? Como você está com a segunda onda da covid-19? A vivência do aqui e agora não é igual ao passado, onde o tempo era de circulação. O que resta é o futuro pós-pandêmico, em que finalmente poderemos nos abraçar e fazer planejamentos. Criamos expectativas com o novo momento e alguns constroem metas na promessa de um reinício. Só que o futuro não existe como corpo, todavia se encontra cheio de imagens projetadas. Então nos resta voltar nossos olhares ao horizonte e perceber que a pandemia não acabou e nem acabará em mais um ou dois pares de meses, como tantos acreditaram. É o futuro a que devemos avaliar.

Spinoza coloca essa ideia de futuro em relação aos afetos de medo e esperança: este é uma tristeza instável, surgida de algo futuro ou passado, de cuja realização temos algumas dúvidas. Mas o presente, por sua vez, é uma alegria que se define segundo as expectativas do futuro. A temporalidade de passado e futuro está conectada à rede afetiva de medo e esperança, desta feita, pois ambos os afetos tem vínculo com o tempo.

A partir dessa ligação, temos o que segue:

Somos mais intensamente afetados, relativamente a uma coisa futura, se a imaginamos bem próxima de ocorrer do que se imaginássemos que o momento de ela vir a existir está ainda muito longe do presente. Somos, igualmente, mais intensamente afetados pela lembrança de uma coisa que imaginamos não ter se passado há muito tempo do que se imaginássemos que ela se passou há muito tempo (Spinoza, E IV Prop 10).

Exemplificando a tonalidade afetiva apresentada por Spinoza a partir da nossa realidade da pandemia, temos que, se imaginarmos uma onda de covid-19 cada vez mais forte para este mês de março, somos intensamente afetados de medo. De outra forma, se acreditamos que a pandemia não passou, mas que retrocederá, somos igualmente afetados pelo medo da continuidade de uma situação que começou há pouco tempo, mas que persiste. A vivência da segunda onda ganha intensidade diferente da situação do início de 2020, pois somos afetados de outra forma em dupla temporalidade: pelo passado de já termos vivido e nosso corpo guardar memórias de vivências (relembrações) e pela incerteza do futuro frente a algo que já vivenciamos (reafetações). Na espreita dessa nova onda de covid-19, corpos se mantêm nas relembrações e reafetações. E também na esperança por alguma mudança ou na ilusão das fakenews.

Sendo assim, a questão temporal intensifica a flutuação de ânimo entre dois afetos tão intimamente ligados ao tempo - o medo e a esperança (Espinosa Rubio, 1995). Spinoza (E III Prop 18 esc 1) explica que "[...] o resultado é que os afetos provindos de imagens como essas não são tão estáveis, mas ficam, geralmente, perturbados pelas imagens de outras coisas, até que os homens se tornem mais seguros da realização da coisa em questão". Medo e esperança, assim, em conjunto, voltam a nos afetar com a segunda onda e com as imagens de nosso país com suas UTIs lotadas novamente.

Medo de voltar ao isolamento, esperança de que mais vacinas serão aplicadas, medo da crise econômica, esperança de não se contaminar e medo da perda do emprego. São incertezas agudizadas pelas crises que o país vive, dentre elas a já conhecida desigualdade social, que se materializa no aumento da fome e na perda dos lares. Como se manter vivo na segunda onda sem uma moradia?

Por se tratar de uma flutuação de ânimo, os dois afetos (medo e esperança), apresentam-se juntos, pois o filósofo holandês os considera inseparáveis. No entanto, o caráter da temporalidade do passado e do presente existe por consequência da memória (Olinda, 2014). Ou seja, por já termos vivido a pandemia a forma como vivenciamos o momento atual muda. Por isso, o medo é intensificado nesta segunda onda da covid-19, afinal os corpos já se afetaram em relação à pandemia e carregam imagens dessas afetações. Ao mesmo tempo que em alguns a esperança pode ser dominante, visto as notícias das vacinas, também cremos que não há medo sem esperança e nem esperança sem medo, como também não há passado sem memória, nem futuro sem presente.

Passado, presente e futuro se entrelaçam em nossas vivências humanas, pois somos potência em ato e procuramos perseverar na existência (Spinoza, TP). Mas como perseverar quando somos reafetados pela segunda onda das diversas pandemias vivenciadas? A oscilação entre medo e esperança se intensifica nesse momento, pois nosso corpo é memorioso e somos afetados pelas incertezas do futuro. As aulas irão voltar? Haverá lockdowns mais severos? Irei me contaminar? Posso tomar vacinas, mesmo sendo item ideológico de luta pelo poder?

É nessa oscilação e incerteza que vivenciamos a insegurança, favorecendo a ansiedade e a depressão, campos férteis para a crença em fakenews (superstição, segundo Spinoza). Em suma, nesse cenário, presente e futuro se compõem de dúvidas, tornando-se uma realidade também de sofrimento, fruto do medo dominante.

A segurança é decorrente da esperança e o desespero decorrente do medo (Spinoza, E III). Ao definir a primeira, o filósofo holandês explica que esse afeto é uma alegria surgida da ausência de dúvidas, ou seja, a ausência desse afeto demonstra a presença dominante da dúvida, em relação ao presente como também ao futuro. Na segunda onda de covid-19 no Brasil, observamos uma esperança/dúvida tomar os corpos, pois mesmo olhando o horizonte possível e planejando em busca de possibilidades, a dúvida é presente nos corpos e conseqüentemente a ausência de segurança também o é. Ou seja, vivemos uma insegurança dominante no tempo presente e uma esperança/dúvida no tempo futuro, afetos que juntamente com o medo formam a trama que compõe a vivência da segunda onda de covid-19 no país.

Essa flutuação afetiva entre medo e esperança, insegurança e esperança/dúvida, demonstra o não direito ao futuro que vivenciamos nesse momento no Brasil. A constante ausência de segurança e a intensificação do medo e da esperança/dúvida são o enlace afetivo que demonstra as diversas pandemias tanto da covid-19 como da desigualdade social. Com a dúvida no futuro e o presente de incertezas, flutuamos em busca de alguma segurança nesse cenário de segunda onda de covid-19. Agora, no presente, vivenciamos um sofrimento que, talvez, não era tão claro: o não direito ao futuro. Se roubarem os nossos sonhos, o que resta de nós?

Flávia Roberta Busarello

Doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP, realizou período sanduíche na Universidad de Salamanca/Espanha com financiamento da CAPES/PDSE/2019.

Trabalha com pesquisa ação-participante e acredita em uma psicologia para a transformação social.

Em uma distopia pandêmica, março de 2021.

Sonho em meio a crise

O sonho é a semente da criação, o elemento fundamental do progresso e o prelúdio de um desfecho. O sonho pode ser o impulso que nos faz seguir ou a utopia que nos faz caminhar rumo a um destino que nos apetece.

O conceito de sonho, enquanto capacidade onírica ou elemento de projeção do desejo de um futuro imaginado, foi e é estudado por diversas abordagens da Psicologia. Está ligado à capacidade de absorver e projetar imagens. A partir delas o sujeito pode experimentar a liberdade para criar narrativas e um novo mundo. Isso independe do grau de consciência, já que ocorre tanto dormindo, quanto acordado.

Quando dormimos o sonho é carregado de alegorias, que muitas vezes trazem simulacros da realidade, isto é, fantasias que aparentemente tem pouco nexos causal ou lógica, mas podem ser carregadas de emoções e afetos.

No sonho desperto, que remete a uma esperança, as alegorias são também carregadas de emoções e afetos, mas com um senso lógico de algo que representa o real em nossa consciência, com utopias que buscam um nexos causal no sentido de um ideal.

A imaginação é parte fundamental dos sonhos, e se apresenta em nuances. Para Espinosa (Ética II) a imaginação é efeito da experiência dos encontros, um acúmulo de sensações e sentimentos misturados, e afecções que têm poder de se fixar na consciência. Neste sentido o corpo tem muita relação com os sonhos, pois ele é afetado pelo mundo de modo sinestésico e reproduz tais afecções, na constituição dos sonhos.

A ação de criar, está atrelada ao poder imaginar e de construir o mundo, assim como, ser construído, desenvolvendo sua potência a partir do que constrói, tal poder, quando subjugado, aliena o sujeito de sua criação, impede a ação criadora e retira a potência do movimento do trabalho rumo à liberdade.

O conceito vygotskyano de imaginação criadora remete justamente ao poder libertador que a imaginação pode fomentar. A arte de criar exige a ação, a construção no real, a partir do processo da imaginação. O poeta Ferreira Gullar dizia que "o artista cria um outro mundo mais bonito ou mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado - por cima da realidade imediata".

Sonhar é ser livre; sonhar de ser livre, ser livre para sonhar, sonhar para ser livre, isto parece um jogo de palavras, mas sonhar e ser livre nem sempre ocorre mutuamente.

A liberdade e o sonho necessariamente deveriam andar juntos, pois o servo, tal como a sua liberdade, tem seus sonhos alienados, sufocados e a imaginação de um futuro sem amarras, furtada. A liberdade de imaginar um destino diferente é um bem fundamental, mas nem todos podem ter. A desigualdade social constituída em uma sociedade individualista, rouba os sonhos e por consequência os desfechos.

O sonho carece de união, do coletivo para se tornar realidade, pois a tomada de consciência precisa do encontro consigo, com a autonomia, mas principalmente com os outros, com o coletivo humano. Paulo Freire dizia: "que ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão", já o cantor e compositor Raul Seixas dizia na letra da música Prelúdio: "Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade."

Em união se conduz os destinos, pois é nos encontros que nos afetamos e conhecemos o conatus da comunhão. A imaginação e por consequência o poder de sonhar junto, tem muita potência.

A potência da união, da junção de forças corpóreas e intelectos focados, se expressa materialmente na realidade, pois a força coletiva é fértil. Essa fertilidade se expressa na vida em movimento, em sentido da criação e transformação de vida.

A Fertilidade faz com que o ser humano conheça a sua capacidade criadora, sua capacidade transformadora, pois é o corpo em potência e ânimo que se apresenta. A palavra felicidade tem um conjunto de etimologias, algumas delas, remetem justamente à fertilidade.

O sujeito feliz é fecundo, produtivo e por isso têm ânimo, pois encontra a potência na gênese da manutenção da vida, isto ocorre principalmente nos encontros, na relação com o outro. Um dos elementos da felicidade é a qualidade das relações e amizades que as pessoas têm.

Para Spinoza (Ética, parte 3, prop. 6) "cada coisa, à medida que existe em si, esforça-se para perseverar na existência". Em um momento de crise, um grupo ou uma sociedade, precisa mais do que em outros momentos de união, para se proteger e principalmente para responder às dificuldades colocadas, com mais eficácia e expertise.

A pandemia vivida é exemplo disso. Ela apresenta o valor da união e expressa de modo inexorável a interdependência humana. O ser humano sendo hospedeiro e transmissor de um vírus, com baixo grau de letalidade, mas como alta capacidade de transmissão, colocou a sociedade em situações como nunca antes visto.

É insofismável que só com o pensamento no coletivo, e na manutenção da vida, que conseguimos perseverar na existência em um momento de crise. Momentos como este, provocam reflexões sobre como estamos levando a vida e de como ela está nos levando! Mas o fundamental é o que a gente faz quando a crise aparece. A crise desestabiliza, fragmenta o real conhecido, e nos oferece a possibilidade de criar algo para reconectar tais fragmentos em uma nova realidade.

O sonho mesmo que difícil, em um ambiente de profunda cisão como esta crise que vivemos, é fundamental para se criar a ação, pois é preciso agir em prol da criação de novos tempos, nos quais a gente perceba que o outro é fundamental para nossa existência. Para tudo isso, a coragem e a esperança, são fundamentais.

Ter coragem em detrimento das dificuldades, implica em agir rumo ao sonho que de tão presente, se torna esperança. Por isso, recorremos a Paulo Freire mais uma vez, sobre a esperança e a ação: "É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo". Portanto é preciso sonhar, mas sonhar junto e sonhar agindo, com perseverança pois "a esperança é viva nos corações que agem, e traz calma frente a ansiedade do incerto de uma crise, pois ela tece a linha do horizonte", tal como na canção de Flávia Wenceslau:

Canção de Esperança

A Esperança
Tece a linha do horizonte
Traz tanta paz
Em reluzente e doce olhar
Que nos conforta
Quando o mar não é tão manso
Quando o que resta
É só o frio sem luar (...)
(...)Oh, Esperança
És para sempre, sempre viva
Te ofereço a minha casa pra morar
Nos meus sentidos
Quero ter os teus conselhos
Na minha voz
Eu quero sempre ir te encontrar
Se alguma coisa eu temer
Estou contando com você
Pra me dizer ao me acalmar
Que o amor jamais me deixará ...

Alberto Rodrigues Silva
Mestrando - NUPDES

São Paulo, dezembro de 2020.

A cidade como território de aprendizagem

Proponho reflexão sobre a vida nas cidades a partir das contribuições de Spinoza e Vigotski, que ajudam na compreensão da parcela subjetiva da relação com a existência e o mundo social. De Spinoza temos discussões sobre servidão, liberdade, ética, afeto, existência, potência, alegria, tristeza, medo e esperança. De Vigotski, concentramos em motivação, criatividade, imaginação, zona de desenvolvimento proximal. Para a compreensão desses dois autores, supomos reflexões de Sawaia sobre o sofrimento ético-político e uma possível articulação da terapêutica das paixões (Espinoza) com a terapêutica estético-política (Vigotski).

Em seus escritos sobre a Ética[1], Spinoza nos faz pensar que ações revolucionárias que não desbloqueiam a parcela subjetiva implicada nas relações de servidão se tornam inócuas. É preciso destruir tudo aquilo que sustenta as relações de opressão, desigualdade e injustiça. O filósofo aponta a liberdade como sendo o contrário da servidão, ou então, aquilo que pode nos livrar dela. Para Spinoza, a vida humana tem uma parte essencial que é expressa por um desejo de ser livre e ter liberdade, liberdade esta que é entendida como perseverar na existência. Compreender isso é poder também entender, uma vez que o desejo pela liberdade é um fator essencial da vida humana, que a luta pela emancipação, ou seja, as ações, atitudes, pensamentos e sentimentos que nos colocam no caminho até a liberdade, também é essencial à vida das pessoas, é irreprimível. No entanto, a ideia de essência não está ligada a algo fixo ou imóvel, mas, sim, a algo que é variável e que depende de múltiplos fatores. Depende, principalmente, da nossa relação com a existência, que gera como consequência nas pessoas o afeto, que por sua vez pode acarretar o aumento ou a diminuição da potência, aqui compreendida como a soma da força vital da resistência com a qualidade ética da existência.

[1] Spinoza, B. apud Sawaia, B.B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

A afetos que aumentam a capacidade de existir chamamos de alegria. Àqueles que diminuem essa capacidade nomeamos tristeza. Para Spinoza, a tristeza se relaciona a medo e este, por sua vez, tem as mãos dadas com a esperança, pois aquele que teme e que imagina que não há nada que possa ser feito só pode esperar. O medo gera um corpo político que vai reproduzir essa lógica e esse sentimento nas instituições das quais faz parte. A liberdade depende da superação de um primeiro nível do conhecimento, as ideias imaginativas, que corroboram com a ilusão, com a alienação e com o conatus enfraquecido, ou seja, o afeto/ paixão. A superação desse primeiro nível de conhecimento nos levará do afeto/ paixão ao afeto/ emoção. O afeto/ emoção representa a razão do afeto, ou a razão como afeto supremo. A passagem da paixão e suas implicações para a ação guiada pelo afeto/ emoção é o que podemos entender como terapêutica das paixões, uma forma de tornar a existência humana a melhor possível.

Vigostki[2], que entende o psiquismo como sistema integrado de funções inter-relacionadas (biologia, contexto social, cultura, etc.), ao considerar a constituição psicológica, chama atenção para o papel das emoções naquilo que é próprio do funcionamento psíquico. Indo ao contrário da ideia comum de que a emoção é inimiga da razão, Vigotski evidencia o papel da motivação para o pensamento. Um pensamento não surge do nada e nem de outro pensamento, ele surge não do encontro, mas da íntima conexão encontrada nas funções psicológicas superiores entre emoção e razão. Ao pensar, o sujeito une as determinações que recebe da realidade social (regras, lógicas, imposições, ideologias) com características próprias da sua subjetividade (experiência de vida, preferências, motivos). Esse processo imaginativo ligado à criatividade é que pode nos levar à liberdade, esta entendida por Vigostki como sendo a produção da existência e da situação que mais tem condição de potencializar o desenvolvimento das pessoas.

[2] Vigotski, L. S. apud Sawaia, B.B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

Essa união ocorrida no pensamento entre uma parte que é social e uma parte que é subjetiva, Vigostki chama de sinalização, que resulta em um conhecimento que é novo, em uma nova forma de enxergar as coisas e de pensar possibilidades de transformação. Tal pensamento novo é mais complexo e mais capaz de, de fato, contribuir com o desenvolvimento da vida humana. E, assim como Espinosa com a terapêutica das paixões nos fez perceber a necessidade da ruptura com um primeiro nível de conhecimento, a sinalização de Vigotski nos mostra que é importante que, desse encontro da subjetividade com a sociedade, surja o novo, que também representa a superação de um nível básico do conhecimento. O surgimento dessa coisa nova, do lado subjetivo depende da motivação, dos afetos e das emoções e, do lado objetivo, da possibilidade da existência de zonas de desenvolvimento proximal que são capazes de aumentar a potência pela qualidade da relação e da aprendizagem.

Sawaia[3], nos seus estudos sobre a exclusão e inclusão social, aponta o efeito subjetivo das desigualdades e das situações de injustiça social. Recorrendo a Espinosa, a autora alerta sobre o bloqueio do poder de afetar e ser afetado e, com Vigotski, adverte sobre o rompimento do nexo entre mente e corpo, entre funções psicológicas e sociedade. De acordo com Sawaia, a relação do sujeito com uma existência repleta de desigualdade gera respostas afetivas que se tornam elementos essenciais para a manutenção dessa relação de desigualdade, e essas respostas afetivas são o que podemos entender como sofrimento ético-político. Tanto a terapêutica das paixões de Espinosa quanto a terapêutica estético-política de Vigotski podem servir como referência para pensarmos formas melhores de existir.

É importante poder pensar em como a qualidade de vida nas cidades e aquilo que elas podem proporcionar como experiências sociais são capazes de gerar respostas afetivas relacionadas à liberdade e à criatividade.

[3] Sawaia, B.B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

No encontro com a cidade, poderíamos vivenciar situações que nos coloquem dentro daquilo que Vigotski entende como a “vida como criação”. As cidades poderiam ser grandes mestres que serviriam de recurso auxiliar e de instrumento da educação.

Para este autor,

Na cidade do futuro provavelmente não haverá um único prédio em que apareça o letreiro “escola”, porque escola, que no pleno sentido da palavra significa “lazer” e destinou pessoas especiais e um edifício especial para ocupações com lazer, estará toda incorporada ao trabalho e à vida e se encontrará na fábrica, na praça pública, no museu, no hospital e no cemitério (Vigotski, 2004, p. 456)[4].

Isso nos faz pensar que o processo pedagógico é a vida social ativa e, portanto, na nossa relação cotidiana com a vida, ou seja, com a cidade em que vivemos, pode se transformar em uma grande escola, em outras palavras, em vivências capazes de gerar afetos/emoções (Espinosa) ou sinalizações criativas (Vigotski).

Para ilustrar nossas reflexões, irei trazer casos da vida real:

a) a cidade de Rosário na Argentina é conhecida como sociedade educadora. Uma cidade educadora é aquela que incentiva atores da comunidade e todos os níveis de governo a terem a educação como preocupação central. Por isso, há ambientes que promovem a interação e a aprendizagem, e uma valorização dos lugares públicos para o uso constante da população (Gestão Escolar[5], 2018). Nesse município argentino, podemos encontrar projetos como: a Ilha das Invenções (espaço de encontro para crianças e adultos investigarem e aprenderem sobre ciência, artes e tecnologia).

[4] Vigotski, L. A psicologia e o mestre In Psicologia pedagógica, 2004, Ed. Martins Fontes, cap. XIX, p. 445-464.

[5] Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2017/o-que-uma-cidadeeducadora-argentina-pode-nos-ensinar>

Aqui é possível brincar e criar juntos em um ambiente rico em experimentações); a Cidade das Crianças (início do projeto político do município leva crianças a comporem um Conselho para expor suas ideias e necessidades); a Escola Móvel (crianças, adolescentes e adultos são convidados a conhecer diferentes lugares da cidade).

b) na cidade de São Paulo existem regiões próximas do ponto de vista geográfico, mas distantes naquilo que são capazes de oferecer como possibilidade de interação e de relação social. De acordo com o Mapa da Desigualdade da Cidade de São Paulo (2019)[6] a expectativa de vida de uma pessoa que mora no distrito de Moema é de 80 anos, enquanto a expectativa de vida de uma que mora no distrito Cidade Tiradentes é de 57 anos. Segundo esse mapa da desigualdade, em Moema não há favelas e na Cidade Tiradentes 5% dos lares são favelas, mas, há outros lugares em São Paulo em que a proporção de domicílios de favela representa cerca de 30% dos lares. Em Moema, de todas as mulheres que engravidaram no ano de 2019, apenas 0,35% tinham 19 anos ou menos. No distrito Cidade Tiradentes esse índice sobe para 16%. No bairro de Moema, onde se vive até os 80 anos, apenas 5% da população é preta ou parda, enquanto na Cidade Tiradentes, lugar onde se vive 23 anos a menos, 56% da população é preta ou parda.

O exemplo de Rosário nos faz pensar no quanto uma cidade pode estar, de fato, preparada para ser esse lugar de aprendizagem e criação da vida, rumo à liberdade. Já o exemplo de São Paulo nos mostra o quanto há ainda diferenças significativas a serem superadas, no entanto, a situação de Moema indica que as coisas na Cidade Tiradentes podem melhorar, contanto que a realidade deste lugar se aproxime da realidade do outro.

Gabriela Moreira
Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP.

São Paulo, 03 de dezembro de 2020.

[6] In <https://www.nossasaopaulo.org.br/2020/10/29/mapa-da-desigualdade-2020-revela-diferencas-entre-os-distritos-da-capital-paulista/>

